

## Poesia homoafetiva

(há mais).

Arthur Virmond de Lacerda Neto.

### Adriano sem Antínoo.<sup>1</sup>

Outubro de 2016.

Vi os teus olhos contemplarem alguém,  
vi o teu rosto sorrir para alguém,  
vi os teus lábios beijarem alguém.  
Quisera que me quisesse a mim quem quer a alguém.  
Este sou eu e outro é o alguém.  
Oh, Roma, Adriano teu  
sem Antínoo meu !

### Barbas de ouro.

15.XI.2016

#### *I -Pareceu-me imperador.*

Vi-o de longe:  
pareceu-me imperador.  
Abordei-o: era-me inspirador.  
Recordou-me de Adriano,  
o primeiro do povo romano.<sup>2</sup>  
Também parecia germânico, da tribo dos belos,  
por ter cabelos amarelos.  
Era louro, com barbas de ouro:  
em livro li que eram iguais  
às dos deuses imortais.  
Livro de Petrônio, Satiricão.<sup>3</sup>  
Vi-o e revi-o, na mesma ocasião:  
alegrara-me se o visse em aluvião.  
Foi no desfile da gente alegre, uma festa<sup>4</sup>,  
em meio a povo tanto, uma floresta.  
Na cabeça, eu trazia guirlanda de flores, por divertimento,  
amarelas e brancas, sinal de amores, para mais encantamento.  
Depois, de longe e a direito me fitou,  
de longe e a preceito com acenos meus ficou.  
Eu me retirava e o deixava,  
porém na memória o conservava:  
moço flavo, porque o era, chamou-me a atenção.  
Eu, coberto de cãs, ter-lhe-ia a afeição ?

---

<sup>1</sup> Adriano, imperador de Roma, apaixonou-se por um rapaz da Grécia turca, Antínoo, que morreu afogado no rio Nilo, em 121.

<sup>2</sup> Adriano, imperador de Roma.

<sup>3</sup> Petrônio, escritor romano do séc. I, redigiu Satiricon, divertida história de 3 rapazes bissexuais.

<sup>4</sup> Parada da Diversidade, de Curitiba, de 2016.

O nome dele não pedi,  
pérola que então perdi.  
Disto trago arrependimento,  
para meu e alheio ensinamento:  
oportunidade, não deixe passar:  
ela, de certo, não há de regressar.  
Milagre, se houvera,  
bem quisera  
que Júpiter Todo Poderoso mo fizera  
a mim, homem pundonoroso, e me dera  
de mancebo loiro, outra vista, a terceira,  
com beleza igual à da primeira,  
em que o motivo foi-me a cabeleira  
mas agora seria eu a ele mais conhecer  
e talvez ele a mim principiar a querer.

## ***II- Palavras do professor.***

Lente havia, que aulas dizia;  
enquanto o fazia, água bebia.  
Lecionava História do Direito,<sup>5</sup>  
mister que exercia a preceito,  
em que aludia a gregos e a romanos,  
e pouco a cristãos, menos humanos.  
Enaltecia, naqueles, a vontade  
de viver à vontade  
na beleza, no amor e na carnalidade.  
Com palavras outras, equivalentes,  
graves, doutas e atraentes,  
dizia a alunos comportados,  
repetia a interessados: amores não são pecados !  
Culpas, sentia só o cristão,<sup>6</sup>  
(oh, ele, com certeza é que não!)  
gente ausente de Satiricão,  
livro que se lê (oh, palavra inocente!) com tesão<sup>7</sup>  
para dele e alheia inteira diversão,  
em que mais de um é flavo,  
da cor do mel, dentro e fora do favo.  
Encólpio, Trimálquio, Eumolpo, Gitão,<sup>8</sup>  
personagens, em prosa, da faceta recreação,  
sem temor nem pejo, bissexuais:  
entre romanos, sem as idéias anti-sociais

---

<sup>5</sup> O professor sou eu, também de História do Direito. Sempre levo um copo d'água à sala e beberico-lhe o conteúdo, enquanto preleciono.

<sup>6</sup> Nem romanos nem gregos culpavam-se pelo exercício da sua sexualidade, contrariamente ao cristão, adepto de doutrina essencialmente negadora e repressora dela, e incutidora do sentimento de culpa pela atividade sexual, nas suas várias modalidades diferentes da cópula matrimonial para a reprodução e não voluptuosa.

<sup>7</sup> Em sentido castigo, tesão significa entusiasmo, garra. Adquiriu sentido sexual como sinônimo de excitação, sentido adeso à esta palavra até recentemente. Nos anos de 2014, em Curitiba, passou a exprimir, em coloquial, apreço seja lá pelo que for (tal coisa é “tesão”).

<sup>8</sup> Personagens do livro Satiricon.

que lá lhes pôs o cristianismo,  
entre antigos, o pior anti-humanismo.  
Quem me repudia tal candente opinião,  
estude melhor tal decadente religião:  
certo é que me dará veemente razão,  
quando lhe ocorrer a sua coerente libertação.

### *III-Viva e deixe viver.*

Mouro, louro, alvo, misturado, cor não importa;  
sentir, querer e amar, alentado, é coisa que abre a porta  
da alegria, do bem-estar e da felicidade.

Assim penso, e estou em que digo verdade.

Beijos de Encólpio em Gitão,

(quem o livro leu sabe quem são)

sejam os de quem os quer em cada ocasião.

Roma, saúdo-te, mais uma vez,

saudação que faço todo mês!

Se a alguém apetece mulher,

seja ele feliz como assim quer !

Se gosta de amor e corpo, dele ou dela, use,

se de um deles desgosta, então os desuse,

mas viva e deixe viver, no seu querer

para o amor, a vida e a beleza enaltecer.

Se eles e elas lhe apeteçam, também pode ser,

pois todos merecem viver consoante o seu ser.

Cada um ao seu modo: é preceito

que cabe, inteiro, na palavra respeito.

Ame, goze, recíproque, seja feliz

e desdenhe do que o vulgo diz.

Vida tua, é uma, e uma só;

de ti, acaso infeliz, nem todos tem dó.

Quanto finda, tu e eles viram pó.

Cuida da tua; foge do que te inveja: ele anda só.

O tempo escasseia para todos nós:

antes de que seja tarde, aproveite, não a sós

porém com quem quer ter ao seu lado:

ele, ela, dois ou três, seja amado !

Vivamos no valor da liberdade,

celebremos o exemplo da antigüidade:

Armódio e Aristogitão,<sup>9</sup>

Encólpio e Gitão,

Antínoo e Adriano,

(rapaz grego e varão romano),<sup>10</sup>

Sócrates e Alcebíades,

Pátroclo e Aquiles.<sup>11</sup>

E para quem crê na divindade,

---

<sup>9</sup> Célebres personagens da antigüidade grega, eram homoafetivos entre si.

<sup>10</sup> Adriano, imperador, apaixonou-se por um rapaz da Grécia turca, Antínoo.

<sup>11</sup> Sócrates e Alcebíades, Pátroclo e Aquiles, gregos os quatro, tinham relações homoafetivas entre si.

eis, com crua veracidade,  
o amor de Jônatas e de Davi,<sup>12</sup>  
Deste tipo, muitos já vi !  
E ainda, o de Raquel e Noemi.<sup>13</sup>  
No livro Bíblia chamado  
há casos de amor para mim sagrado,  
que chamamos de entre iguais,  
e que deles haja sempre mais !  
Grego, germânico, romano  
tudo é por igual humano !  
Grega, germânica, romana,  
é o amor que a todos irmana  
se cada um souber a outrem compreender  
e ao modo alheio quiser entender  
de sentir, de amar, de estar, de ser.  
Viva e deixe viver !  
Amar, beijar, abraçar, gozar,  
acompanhar e compartilhar!  
Conviver, falar, ouvir,  
Comprazer, consolar, dividir!  
E também a ele ou a ela seduzir  
se o que lhe fizerem for convir !  
Vive ao teu modo, no limite do alheio prejudicar:  
é critério que todo sábio forceja por predicar.  
Já diziam romanos e repetem modernos  
(há professor que dita para os alunos, nos seus cadernos):<sup>14</sup>  
atribuir a cada um o que é seu,  
respeitar o limite do que é teu,  
não prejudicar a ninguém,  
evitar impingir o mal a alguém,  
viver honestamente,  
fazer corretamente,  
eis o que ensinou Ulpiano, explicitamente.<sup>15</sup>  
Ainda lição romana: com o próximo, manter boa-fé  
para conservar a dignidade sempre de pé.<sup>16</sup>  
Ensinaça de romanos, sabedoria de antigos,  
para modernos usarem, em leis, nos seus artigos  
e evitarem de sofrer castigos.  
Melhor do que havê-la em leis, tê-la em mentalidades,  
delas convencidas como verdades.  
Grécia adorada, admirada Roma,

---

<sup>12</sup> Personagens homoafetivos da Bíblia.

<sup>13</sup> Par lésbico da Bíblia.

<sup>14</sup> O professor sou eu que, em todas as minhas aulas, a cada parte da preleção segue-se ditado de frases concisas e objetivas, pró-memória, relativas ao que expus.

<sup>15</sup> Ulpiano foi jurista romano (morto em 128) que enunciou os três preceitos de direito: viver honestamente, não prejudicar ninguém, atribuir a cada um o que lhe pertence.

<sup>16</sup> A boa-fé (hoje cláusula geral contratos, no direito brasileiro) originou-se da deusa romana Bona Fides e constituía o princípio cardeal do sistema de direito romano chamado de *ius gentium*, aplicável entre romanos e metecos ou entre estes, em território romano.

de ambas aspiremos o cativante aroma !<sup>17</sup>  
Costumes, deuses, leis, literatura,  
entranhemos-lhes a vasta cultura.  
Desde a prisca antigüidade  
e oxalá que por toda a eternidade,  
assim caminhe a Humanidade,  
nome concebido por um Augusto,  
de sobrenome Comte, antes de vetusto.  
Doutrina inventou, de nome Positivismo,<sup>18</sup>  
laica e bela, completa de humanismo.  
Humanidade, naquela sabedoria, é nova deidade<sup>19</sup>  
que nos cobre de bondade e nos dá felicidade.  
E que se incremente sempre o valor da geral liberdade !

*(A referência à barba de ouro, dos deuses romanos, acha-se em Satiricão, p. 66 da edição brasileira, de 1970, editora Civilização Brasileira).*

### **Zeus cristão.**<sup>20</sup>

Novembro de 2016.

Ganimedes Matheus,  
pequeno deus  
viu Zeus,  
o maior deus.  
Quando o viu,  
logo o seduziu.  
Investiu,  
insistiu e  
repetiu.  
Deixou Zeus  
fatigado,  
esgotado,  
quase desmaiado.  
Entre delícias,  
Zeus pediu-lhe que não mais carícias.  
Para convencer Matheus de que mais não,  
Zeus, deus pagão,  
como Estrabão,<sup>21</sup>  
fez-se cristão,  
como Marcião.<sup>22</sup>  
E que cristão !

---

<sup>17</sup> Na Grécia e em Roma antigas aceitava-se a sexualidade humana, nas suas vertentes de homoafetividade e bissexualidade, sem a repressão sexual nem os preconceitos cristãos.

<sup>18</sup> Doutrina humanista e laica, concebida pelo francês Augusto Comte. Vide [positivismodeacomte.wordpress.com](http://positivismodeacomte.wordpress.com), meu sítio dedicado ao Positivismo.

<sup>19</sup> O Positivismo substituiu a idéia teológica de deus pela sociológica e humanista de Humanidade, conjunto que se forma historicamente, de pessoas úteis à sociedade.

<sup>20</sup> Zeus, o deus grego máximo, apaixonou-se pelo copeiro dos deuses no monte Olimpo, Ganimedes, e possuiu-o sexualmente.

<sup>21</sup> Romano da antigüidade, politeico (pagão).

<sup>22</sup> Cristão da antigüidade.

## Versos.

2014

Vem, mancebo alado, que amor não é pecado ! Carne morena, rosa de lume, toda perfume! (Versos meus, de 2014, baseados nas Canções, de Antonio Botto.).

## Mateuzinho<sup>23</sup>

Novembro de 2016.

Quisera chamá-lo de Mateuzinho.

Fora cristão, ser-me-ia anjinho;

sou pagão: é-me deuzinho.

Quando o conheci, quase assumi:

gostei de si !

Ele tinha outro – calei-me.

Em silêncio – resignei-me.

Com esperança, aguardaria

que o meu dia chegaria.

Diria, em coloquial,

nunca ao final:

que fofinho

o seu rostinho,

cheio de brandura

e de candura.

Quisera ter-lhe o coração:

amá-lo-ia com devoção.

Trajava calças estreitas,

em pernas perfeitas,

com barras viradas:

teríamos vidas animadas !

Era da moda:

a roupa é qual uma roda:

sempre a mudar,

sem nunca parar.

Tinha pelos à mostra

em jeito de amostra.

Gravata borboleta, com nó,

que me ataria a mim só.

Vestia suspensórios:

nunca provisórios

gozaríamos amores

e imensos calores.

Sorria sorriso pequeno,

em semblante sereno.

Encontrei-o duas vezes.

---

<sup>23</sup> Este Matheus existe.

abraçá-lo-ia todos os meses !  
Acompanhei-o por uma avenida:  
fôra ela a minha vida !  
Vi-o distanciar-se;  
preferia o aproximar-se.  
Pus-me a contemplá-lo,  
ardia por beijá-lo !  
Mateuzinho,  
sê o meu queridinho !

## **Belo mancebo**

Novembro de 2016.

Quando o vi, era dia  
na hora do meio-dia.  
Passou por mim;  
semelhava a um jasmim,  
mais de primeira vez  
só neste mês.  
Estaquei e  
nele reparei.  
Tinha barba: era morena,  
em face serena.  
Não me viu  
nem me sorriu.  
Mirei-o com atenção,  
contemplei-o com detenção,  
desejei-o como um vulcão!  
Roma te saúda, Gitão !<sup>24</sup>

## **Mateus do ginásio<sup>25</sup>**

16.nov.2016.

Conheci-o no ginásio,  
que não era o de Trebásio.  
Chamam-no de academia,  
e funciona também de dia.<sup>26</sup>  
Ele, comigo, de começo, sorumbático  
e eu, com ele, sempre simpático.  
Depois, ele comigo, falante,  
E eu, com ele (tencionava) interessante.  
Para conversa puxar,  
tudo era pretexto de calhar.  
Fitava-o pelo espelho – era discreto.

---

<sup>24</sup> Gitão é personagem bissexual do livro Satiricon, de Petrónio (séc. I).

<sup>25</sup> Este Mateus existe e é outro, que não o Matheus de “Matheuzinho”.

<sup>26</sup> No Brasil, chamam-se de academia aos ginásios de musculação. O nome correto é ginásio (empregado em Portugal).

ou mirava-o nos olhos – era direto.  
De nome Mateus, sem “h”,  
grafia correta lá e cá.  
Vi-o: encantou-me.  
Falei-lhe: emocionou-me.  
Já nervoso,  
quicá ansioso,  
quase gaguejei-lhe  
mas falei-lhe  
para cativá-lo e  
tentar cortejá-lo.  
Olhares gulosos  
e voluptuosos  
deitei-lhe nas pernas,  
que seriam as mais ternas.  
Tinham lindos pelinhos,  
que teriam os meus carinhos.  
Era belo vestido,  
mais seria despido !  
Assim quisera vê-lo por inteiro,  
ainda que não fosse o primeiro.  
Ser feliz,  
ainda que por um triz,  
não é só olhar,  
também é amar !  
Se não o puder fazer,  
que possa, ao menos, o rever !  
Se me sorrir,  
ser-me-á um florir.  
Oh, Roma, saúdo-te !  
Oh, Grécia, adoro-te !<sup>27</sup>

### **Declaração para Rafael.**

23.2.2017.

Se te interesse, avança sem medo.  
Perde oportunidade quem se mantém quêdo.  
De estar nervoso quando me fala, escusa.  
Sou homem que teu interesse não recusa.  
Se não me dispara flechas de mancebo alado, Cupido,  
tens-me simpatia de quem se compraz em ser desinibido.  
Se eu disser com que nome rima o da pessoa,  
não terei dito o dela, porém ela terá notícia boa.  
  
Se disser que é de arcanjo do céu,  
terei dito muito e já não fica ao léu.

---

<sup>27</sup> Na Grécia e em Roma aceitava-se a sexualidade humana nas suas vertentes de homoafetividade e bissexualidade.



Explicitar-me é alvissareiro;  
nome dele é celícola e verdadeiro.  
Arcanjos, três; nem Miguel, nem Gabriel.  
Sobrou um: em dedo seu hei de pôr anel ?  
Arcanjo, o terceiro, chamava-se Rafael:  
e também a pessoa: carinho seu, ser-me-á laurel.  
Anel, formará par: serão dois, um em cada dedo.  
Dedos, serão dois, um em cada pessoa, e sem medo.  
Não já; mais tarde, se correr bem.  
Tudo a seu tempo e sempre querer-lhe bem.  
Vem, mancebo, que amor não é pecado !  
Amor e amar, é andarmos um e outro, lado a lado.  
  
Certa feita, em tom jovial, chamei-te de “meu doce”.  
Riste da pilhéria: quisera que a sério fosse.

### **ALFABETO NA BALADA.**

Todas as situações passaram-se no bar do Simão, em vários dias em que lá estive e são veras;  
ficcionei a correspondência das letras com os fatos. Não é poesia.

5.III.2017.

A sou eu;  
B namorava Mateus,  
C, conhecia-o de privança,  
D usava bonete  
E usava chapéu,  
F andava em cabelo,  
G cobria-se com barrete,  
H usava pulseiras,  
I portava pingente,  
J desviou o rosto quando nele reparei,  
K sorriu-me e acenou-me ao ver-me,  
L abraçou-me com efusão,  
M correspondeu-me ao cumprimento com frieza  
N surpreendeu-se ao se me deparar,  
O esgueirava-se por entre a gente,  
P empurrava a outrem se sem esgueirar,  
Q era álaque com todo o povo,  
R tinha cabelos pintados de escarlata,  
S usava belas melenas e banda,  
T, dele esquivei-me,  
U supôs-me catarinense,  
V perguntou-me se sou brasileiro,  
W surpreendeu-se ao saber-me professor,  
X pediu-me cigarro que não tinha eu, por não fumar,  
Y enfezou-se comigo quando esbarrei nele, ao me empurrarem,  
Z beijou-me, e ainda bem:  
mais letra não há e se não fora ele, não seria ninguém.

27 bebeu etílicos,

28 bebeu etílicos demais,

29 bebeu etílicos ainda mais,  
30 vomitou,  
31 dormiu, alcoolizado,  
32 beijou dois em simultâneo,  
33 trajava-se excêntrica,  
34 bailava,  
35 cantava,  
36 deitou-me olhares,  
37 levava-me olhares,  
38 beijou bocalmente 39  
39 entregou-se voluptuosamente a 38,  
40 era mulher e beijou outra,  
41 tinha cabelos nacarados,  
42 fingiu desconhecer-me (era curitibano),  
43 fitou-me e não me cumprimentou (outro curitibano),  
44 ouviu-me frases sedutoras,  
45 deixou-se-me seduzir,  
46 pediu-me bebida e neguei-lha  
47 pediu-me água e dei-lha,  
48 pousou a cabeça no meu peito  
49 agregou-me à sua camarilha de amigos, para que me não quedasse só,  
50 indagou-me se não bebo etílicos e respondi-lhe que só água,  
51 reputou elogiável que senhor da minha idade andasse em balada juvenil,  
52 perguntou-me se sou hetero ou homo,  
53 indagou-me o mesmo,  
54 foi igual ao anterior,  
55 inspirou-me o poema “Zeus cristão”,  
56 é-me vizinho e simpático,  
57 é-me vizinho e antipático,  
58 engordou,  
59 usava bermudas curtas, em voga,  
60 usava barba,  
61 também,  
62 também,  
63 também,  
64 declarou-se hetero,  
65 esbarrou em mim e pediu-me desculpas,  
66 fez o mesmo a outrem,  
67 era viraga,  
68 era efeminado,  
69 encantou-me,  
70 encantou-se por mim,  
71 reconheceu-me e, por não saber quem eu era, não me veio falar,  
72, com ele palestrara pelo Facebook e lá o conheci presencialmente,  
73 por pouco não foi residir comigo,  
74 indagou-me a minha idade,  
75 foi-me aluno e não me falou,  
76, confundi-o com um amigo,  
77 reagiu-me com frieza quando o cumprimentei,  
78 esquivou-se de mim por duas vezes,  
79 pareceu-me entristecido e tive-lhe dó,  
80 disse-me que tenho sotaque diferente,  
81 inquiriu-me se sou docente,  
82 estava duvidoso se era homo ou hetero e esclareci-lhe,  
83 a ele, falei-lhe de antepassados e ele nada percebeu,  
84 a ela, disse-lhe quem me odeia e porquê,  
85 era introvertida por demais e confirmou-me ser curitibana,

86 a ele, falei-lhe e ignorou-me, pelo que concluí ser curitibano,  
87 era futilíssimo e do norte do Paraná,  
88 com realismo dizia que, de alguns, “se juntar dois, não dá um”,  
89 era de Cascavel e amistoso; sobre curitibanos falamos,  
90 era igual ao anterior e desejou-me,  
91 era igual aos dois anteriores e desejei-o,  
92 era fusco, insinuei-me, ele sorriu-me largamente e foi-me a pérola do dia.  
Andava tudo feliz e alegre, com liberdade sem medo.  
Assim folgávamos, assim nos entretínhamos e assim gozávamos a vida em folguedo.

## **Interessado nele.**

4.4.2017

Há quem me sorria quando me vê  
e toda semana me revê.  
Também eu o vejo, revejo e nele atento.  
Vê-lo infunde-me feliz alento  
que não se esvai ainda que me assopre forte vento.  
É porque por ele sinto: com sinceridade  
o reconheço: digo-o com verdade.  
Sentimento meu, é reservado;  
dele, ainda é em silêncio conservado.  
Assim sei de mim; assim dele suponho.  
Que um diga ao outro, proponho,  
o que sente e não oculte nem cale:  
exprimir querer e bem querer, vale.  
É, talvez, imaginação minha, supor que me quer;  
é certeza minha, saber que me será bem-vindo, se me vier.  
Vem, mancebo, que amor não é pecado !  
Vem, se por ti sou almejado !  
Hoje, viu-me e me sorriu;  
vi-o, e logo ele partiu.  
Ao fazê-lo, tocou-me no braço, em que pousou a sua mão.  
Segurei-a com a minha, e nela tinha o meu coração.  
Foi breve e efêmero instante,  
que quisera duradouro e constante.  
Dia trivial e corriqueiro, como sempre umbroso,  
encerrei-o com gesto inesperado e mavioso.  
Diminuto foi, quase imperceptível,  
porém o encareci, a gestos tais, sensível.  
Sensível, por gestos de todos e qualquer um, não:  
porém bastante mais pelos de quem me suscita atração  
que sente quem experimenta afeição.  
A ti, leitor, conselho te peço:  
calo-me ou a ele me confesso?